

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
12 DE SETEMBRO
ANNO L N 7

PROPRIETARIOS ; ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES : DIVERSOS

Preços : por trimestre 25000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1870

AMERICA

Mala da corte.

Procedente da capital do Imperio, chegou hontem o paquete *Guaporé* com datas até 6 do corrente.

Sobre a guerra franco-prussiana, fizemos um resumo que publicaremos em lugar competente.

Da corte, as noticias vão em seguida :

—Por decreto de 24 do passado, concederam-se as honras de postos militares do exercito, aos officiaes desta provincia abaixo declarados :

De brigadiero.—Ao coronel honorario do exercito, Fidelis Paes da Silva.

De coronel.—Aos coroneis da guarda nacional : Hypolito Antonio Ribeiro, Antonio Fernandes Lima, Manoel Hypolito Pereira da Costa, Caetano Gonçalves da Silva, Camillo Mercio Pereira e José Maria Guerreiro de Victoria.

De tenente-coronel.—Aos tenentes coroneis dito : Manoel Amaro de Freitas, João Francisco Illia, Manoel Hypolito Pereira, Ismael Ramires da Silva Souto, André Avelino de Andrade, João de Macedo Pimentel, José Joaquim Teixeira de Mello e Antonio José de Moura.

—Foi reconduzido o bacharel João Francisco de Moura Magalhães no lugar de juiz de orphãos do termo desta cidade.

—Foi nomeado o bacharel Antonio Candido de Asambuja, juiz municipal e de orphãos do termo de Piratiny, nesta provincia.

—Foi exonerado, a seu pedido, o juiz de Direito João Coelho Bastos, do cargo de chefe de policia da provincia.

—Por decreto de 24 do passado, concedeo-se o fôro de moço fidalgo, com exercicio na casa imperial, ao tenente José Joaquim de Andrade Neves, filho legitimo do barão do Triunpho.

—A 26 do passado seguiu no paquete *Merrinac* com destino aos Estados Unidos, o corpo do distincto pianista Gottschalk, fallecido na corte.

—A 27 entrou no porto da capital, o paquete *Guaporé*, que levava á seu bordo o Sr. barão de S. Borja.

Foram ao arsenal da marinha receber o valente general os Srs. senadores e deputados da provincia de Pernambuco e varios outros pernambucanos.

A 29 tambem chegou o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos.

—O *Diario do Rio de J.* dá a seguinte noticia : " Informam-nos que o Sr. conselheiro Silva Paranhos reasumiu hontem o cargo de ministro na repartição de negocios estrangeiros.

GUERRA FRANCO-PRUSSIANA

As noticias da guerra franco-prussiana levadas ao Rio de Janeiro a 3 do corrente, pelo paquete *Magellan* da linha do Pacifico, não deixam de ter algum interesse, posto que ainda se não possa fazer um juizo certo sobre a qual dos belligerentes pertence o triumpho.

Se nos referirmos aos telegrammas da ultima hora (particulares) diremos que a victoria foi explendida para as armas prussianas ; se porém, considerarmos sobre os anteriores, que são quasi todos em caracter official, diremos que a victoria das armas francezas, corooa os desejos de Napoleão.

Não querendo deter-nos em conjecturas, damos á continuação o resumo dessas noticias.

A maioria dos deputados francezes dos differentes lados da camara parece resolveu a proclamar a republica se o imperador perder uma grande batalha, como supremo esforço da França.

O gabinete de Olivier comprometeu a França e é geral a indignação.

No ministerio da guerra descobriu o general Dejean que cada divisão tinha de menos 10,000 homens ; que faltava artilharia ; que o exercito francez tem só a força de 250,000 homens, e os prussianos 500,000.

O imperador, seguiu a 15 para Verdum e dirigiu uma proclamação ao exercito. O exercito tinha começado a passar a margem direita, do Mosella quando foi atacado por numerosas forças prussianas. A's 4 horas a linha franceza tinha repellido os prussianos que perderam como 40 mil homens.

Em Mosella a engenharia franceza fez ir duas pontes pelos ares.

A 16 houveram serios acontecimentos do lado de Gravelotte.

Os prussianos atacaram Potholsburg, e foram repellidos, deixando no campo da batalha 1,500 homens.

O estado de animação do exercito francez é cada vez melhor.

No dia 14 (official) foram grandes as perdas que soffreu o exercito prussiano. E a 15 depois de um vivo fogo bateu-se em retirada, não conseguindo por isso o plano de isolar o exercito de Pariz, e evitar que augmentassem consideravelmente os seus reforços.

A 16 o marechal Bazaine deu batalha entre Doucour e Thionville ao principe Frederico Carlos e general Steintmetz, conseguindo uma explendida victoria.

O inimigo tinha posto forças consideraveis em linha de batalha. No fim do dia um novo corpo de exercito pretendem flanquear a esquerda. Sustenta-

ram os francezes suas posições em todos os pontos, tendo o inimigo perdas consideraveis. As francezas tambem são grandes.

O general Bataille ficou morto. No mais vivo da acção um regimento de uhlanos atacou o estado-maior do marechal ; ficaram mortos 20 homens da escolta e o capitão que a comandava. A's 8 horas da noite o inimigo tinha sido repellido em toda a linha. Calcula-se que entraram em combate 120000 homens.

A esquadra franceza no Baltico, sob o commando do almirante Bonet Willaumez começou as operações. Os importantes portos de Koenigsberg e Dantzic estão em estado de bloqueio. Por ora não tem havido bombardeamento algum. Um monitor prussiano foi afundado pela fragata *Surveillante*.

O *Times* aconselha a abdicção do Imperador Napoleão, como um meio de paz, mas parece-nos que ainda que o Imperador abdicasse, a França imperialista, republicana ou orleanista, continuaria a guerra. E' uma questão nacional, apesar do rei Guilherme, ao entrar no territorio francez, ter procurado separar a causa do povo da do exercito.

Effectivamente S. M. prussiana ao partir de Saarbruck dirigiu ao povo francez a seguinte proclamação em lingua franceza :

« Nós, Guilherme, rei da Prussia, fazemos saber o seguinte aos habitantes dos territorios francezes occupados pelos exercitos allemães.

Tendo o Imperador Napoleão atacado por mar e por terra a nação allemã, que desejava e deseja viver em paz com o povo francez, tomei o commando dos exercitos allemães para repellar a aggressão e os acontecimentos militares levar-me a passar a fronteira da França.

Faço a guerra aos soldados e não aos cidadãos francezes. Estes continuarão, por conseguinte, gozando de toda a segurança para as suas pessoas e bens, enquanto me não privarem, com empresas hostis ás tropas allemães, do direito de autorgar-lhes a minha protecção.

Os generaes que commandam os differentes corpos determinaram com disposições especiaes, que serão postas em conhecimento do publico, as medidas que hão de adoptar-se acerca dos povos ou pessoas que se pozem em contradição com os usos da guerra.—*Guilherme.*»

ULTIMA HORA.

(11 ds 10 horas da manhã.)

Batalha de Verdum.
Os prussianos tomaram o forte Marol com 60 pessoas.

Sessão secreta nas camaras francezas.

A cavallaria prussiana chegou a Vity.

A guarnição de Strasburgo foi rechaçada.

Na batalha ultima Bazaine e Frossard foram feridos.

Um telegramma de Londres 18 com a nota de official dá da batalha junto a Thionville uma versão diversa da de Bazaine acima publicada. Diz :

" A 16 terrível batalha de 12 horas entre Frossard e Canrobert com a guarda imperial d'um lado e o 3º corpo de exercito allemão ás ordens do principe Frederico Carlos e o general Steinmetz do outro. Enormes perdas de parte a parte. Os generaes Doernig e Wedel mortos, Bauer e Guetz feridos. O rei Guilherme no dia seguinte saudou as suas tropas no campo de batalha que ficou em poder dos prussianos."

Os francezes de Londres organisaram um corpo de voluntarios para marchar contra os prussianos.

As princezas d'Orleans deram 18.000\$ para os francezes que ficaram feridos.

A rainha de Inglaterra deu 10.000 libras para os feridos de ambas as nações belligerantes.

Dos outros paizes da Europa não ha nada digno de referencia.

MEMORIAL

CAMBIOS.—Na corte, cotava-se o papel p. de 20 1/8 a 21 1/4, fechando, porém, de 20 1/2 a 19 7/8 d. e o banco-rio aos algarismos de 20 a 20 1/2 alternadamente, fechando porém, a 19 3/4 d.

Os descontos regulam : no banco a 9 0/0 e na praça de 6 a 10 0/0.

Os soberanos negociaram-se de 128500 a 128800 e fecharam a 128700 : as onças obtiveram a 375500 e 385 : e o ouro nacional a 31 1/2 de premio.

As apolices geram de 6 0/0 a 87 e 12 0/0 : e as do emprestimo de 1898 negociaram-se de 1.0108 a 1.0208.

As accões do banco do Brasil foram vendidas a 167500 e 1675 : as do Rural de 1708 a 1758 : as do Commercial a 608, 618, 628 e 618500 : as do English Bank a 1228 e 1208 : e as da estrada de ferro de Cantagallo e 1328.

DE MONTEVIDEO. — Havia datas no Rio até 1º do corrente ; nada adiantam em noticias ás que recebemos pelo Santa Cruz.

"ARTISTA." — Este jornal compri-mentará hoje á tarde, em vez de amanhã cedo, á seus assignantes.

Dá lugar a esta troca, cremos, o interesse que tem sua administração em adiantar explicitamente as noticias de que foi portador o *Guaporé* que hontem chegou.

DE PORTO ALEGRE.—Chegou hontem o vapor *Fluminense* com datas até 7 do corrente.

As noticias que nos transmittem são apenas de interesse local.

CONTRACTO.—No tribunal do commercio da corte registrou-se o seguinte :

Antonio José Ferreira Cardoso e Gaspar Ferreira Cardoso ; commercio de fazendas, molidos, ferragens e miudezas, por atacado e a retalho, impor-

tação e exportação, na cidade de S. Gabriel, nesta provincia, capital 40.000\$, firma Cardoso & Irmão.

E o de dissolução de Pedro Dias dos Santos e Eufrazio Lopes de Araujo Junior ; firma Pedro Dias dos Santos & C., da cidade de Pelotas.

PARA PORTO ALEGRE. — Segue hoje ás 10 horas o vapor *Protecção*.

PARA MONTEVIDEO. — Segue hoje ao meio dia o *Guaporé*.

POESIA

MOCIDADE

(A' J. NABUO.)

Elle existe toujours, cette seve du monde !

A mocidade é ninho de alvas pennas
Entre o verde folhijo das florestas
Encantado paiz de primavêras
Onde os dias se contam pelas festas.

A mocidade é o cantic do nauta
Quando a vagra suspira adormecida,
Um sorriso dos labios de Eleonora,
O beijo de Romeo na despedida.

A mocidade é genio peregrino
Que sacode das azas poeira d'ouro,
O suave arquejar de uns seios niveos,
Dos mais santos anhellos o thesouro

A mocidade é rapida passagem
Pela estrada de luz da eternidade,
O myrtho que entrelaça a fronte eleita
Deve de ser perpetua mocidade.

A mocidade é sonho de alvorada,
Regio leito de purpura e de arminho,
Maravilha entreberta á luz da tarde
Que se debruça a beira do caminho.

A mocidade é arca sacrosanta
Onde boiam, no tempo, as crencas puras
O ramo de oliveira — o berço errante
Que salvou Israel das desventuras.

A mocidade é Chatterton que imita
O concerto das passaros na aurora,
Um estranho ansejar pelo infinito,
Uma idade feliz em que se chora.

A mocidade é arvore frondosa :
Dorme a sombra um Titão — a liberdade
Quando soar a hora do futuro
Marchará na vanguarda a mocidade

A mocidade é rapida passagem
Pela estrada de luz da eternidade,
O myrtho que entrelaça a fronte eleita
Deve de ser perpetua mocidade.
S. Paulo.

L. S. MONTEIRO DE BARROS.

o amor perfeito.

(Offerecida ao meu amigo C. J. da Rocha Pinto.)

Garde bienette fleur chérie

(Mlle VOTE.)

Hontem de tarde que tu fôes terna
Dei-te, tremendo, a mais mimosa flor ;
Guarda-a no peito por lembrança eterna,
Pensar sagrado de um primeiro amor.

Por ti sentia requieado o peito,
Nada te disse por te ver tão bella :
Tu assistastes meu amor perfeito —
Fallei-te tudo n'essa flor singella !

Julgete fada, criação divina,
Tornou-se immovel n'inha lingua rude ;
Mas a florinha que tu doí Celina,
Expermio tudo que eu dizer não pude !

Não fujas nunca meu celeste encanto,
Que a flor mimosa perderá a cor !
Depois embalde a molharás de pranto !
Quando for tarde ! — murchará a flor !

Guarda no seio virginal do amante
Que ella não perdes natural frescor,
Porque é emblema de um sentir constante,
Porque é o symbolo do — perfeito amor — !

Deos te abençoe, meu anjinho alvo,
Que me trouxeste tanto mel na voz !
Eu a teu lado já me julgo salvo
Das duras penas do meu soffrer atroz.

Quêro viver a contemplar teu rosto,
A ouvir-te as fallas que suaves são !
Sem leve sombra de cruéis desgostos,
Nem cruas dores que os posares dão !

E a nossa vida nos será tão queda
Como é a lua no azulado trilho
Sem que uma nuvem borrasca, trega,
Intente nunca nos roubar o brilho !

Porém se a sorte do cruceia rigores
Tiver inveja de um viver assim,
Leva contigo p'ra onde quer que fores,
O AMOR PERFEITO que fallou por mim !

Porto-Alegre, Agosto de 1870.

João Damasceno Vieira Fernandes

FLORES

(N'UM ALBUM.)

Se a rosa aberta no jardim viçoso
Derrama olores quando a aurora assoma,
Assim essa alma que a innocência encerra
Tambem derrama divina aroma.

Na verde relva dos jasmims á sombra,
— A violeta desabrocha occulta, —
Na tarde amena do verão laivo,
D'entre a folhagem o perfume avulta.

Branca aquarela que a manhã descerra
La relva em meio no tapiz das flores ;
— Pallidos lyrios do regato á beira,
Derramam puros, divinos olores.

E a brisa passa na veloz carreira,
Vai secretando na anfib folhagem ;
E a flor mimosa de fragante essencia
Diffunde aromas no correr d'aragem.

Em tarde amena quando o sol vai posto ;
As flores abrem no jardim viçosas,
Da noite o orvalho scintillante banha
As brancas faces d'aquarela e rosas,

Se a rosa branca no jardim erguida
Derrama olores quando a aurora assoma :
Vás, sóis sen hora, como a flor d'aurora,
Que á tarde entorna divina aroma.

Rio Grande — 1870.

J. P. Ribeiro.

te sítio, accasó para evitar novas e mais fulminantes desgraças.

— E que recurso nos fica ?

— Voar ao castello de S. Yuste. Ainda será tempo.

— Para que ?

— Para salvar a vossa esposa e a vossa filha.

— Ao pronunciar esta palavra a voz do joven fez-se tremula.

— Acaso o perigo é tão imminente ? perguntou o barão.

— Que não admite espera, respondeu o cavalleiro.

— E depois ?

— Não nos fica mais que um recurso.

— Qual ?

— Fugir.

Fugir ! isso deshonra.

— Porém é o unico meio que resta.

— Oh ! voemos, Carlos, voemos ao castello de S. Yuste, exclamou o barão no colmo de sua desesperação. Já que a providencia assim o quer, salvemos a minha esposa e a minha filha, caros objectos de minha alma.

— Sim, sim, salvemol-as.

— Depois o céu nos abrirá um caminho. E já chegará a hora da vingança.

Avancaram-se os dois cavalleiros, como para sustentarem-se em meio de tanta desolação, e montando em seus cavallos, partiram á todo gallope, seguidos de Anselmo e dos criados de D. Carlos, como se fossem os genios da tempestade.

CAPITULO V

Flor murcha pela tempestade.

Chegaram a São Yuste.

Toda a familia se agrupou em torno do barão, do mesmo modo que os filhos do conde Ugolino em torno de seu pai. Foi necessario revelar quanto passava, para dar valor áquelles commoções atribuladas ; pois é sabido que, nas grandes crises, o coração se anima mais com a terrivel historia dos feitos, que não com a sinistra occultação dos mesmos.

O joven Carlos de Montalban occultando suas dores para attender ao commum perigo, fez comprehender a todos que era necessario abandonar o castello n'aquella mesma noite.

Bem prompto reconheceram que não havia exaggeração alguma em suas palavras.

O triste campanario de S. Acisclo de Pendueles principiou á tocar á rebatte, signal de que os francezes avançavam para aquelle ponto.

Aquelle som que vinha envolto no vento da tempestade, fez com que todos os criados se dedicassem aos preparativos de marcha, e o barão teve que dar as disposições necessarias para que tudo estivesse corrente.

— Dispense, meu amigo, disse a D. Carlos : torna-se necessario que vos deixe alguns momentos, para attender á segurança de todos. Ficae, pois, com minha filha, com a que ia ser vossa esposa mui prompto, e que a fatalidade veio entorpecer esta desejada união.

Carlos, respondendo a estas nobres palavras com expressões cheias de gratidão, offeou ao lado de Gabriela, a qual tremia de espanto e terror, perto de uma janella, onde a vimos a vez primeira.

Em termo mais longínquo, sua mãe, Tula e Anselmo occupavam-se a empacquetar o mais preciso para a marcha.

Temos dito, que Carlos e Gabriela se amavam ; porém era um amor tão puro o que existia n'aquelles corações ; haviam sonhado com tantas felicidades ; haviam esperado tanto do futuro, que, ao verem-se derrubados do supremo pedestal de tanta dita, julgaram que iam perder-se para sempre.

Desfolhada deste modo a flor de suas esperanças correm um para o outro, impulsados pelo carinho que se tinham.

Carlos era um joven de vinte e dous annos, formoso como nm Adonis de Rubens ou como a cabeça de Van-Dick. Tinha uns olhos summamente expressivos, um cabello que frisava-se naturalmente e uma estatura avantajada. Seu corpo era elegante, e suas maneiras cheias de dignidade e nobreza.

— Gabriela ! exclamou, olhando-a como sua ultima esperança.

— O que queres, Carlos ? replicou a joven juntando as mãos.

— Ah ! existem momentos na vida, que ignoramos o que se deseja. Chamei-vos porque vosso nome é uma felicidade ; desejava vovos, porque vossa presença é para mim tão consoladora que calma as tempestades que bramam sobre meu coração.

— Sei que soffres muito.

— Angustiar-se-hia vossa alma, se vos fizesse partícipe de minhas dores.

— Ah !

E a joven olhou ao céu como o derradeiro refugio de seu tormento.

O joven deu mais um passo para ella.

— Ouvi-me, disse : os momentos são preciosos, e é preciso que nossos corações comprehendam-se nestes instantes terribes.

— O que temeis ?

— Muito : melhor dito, tudo.

Gabriela ficou atterrada com estas palavras, mas longe de abater-se, olhou ao cavalleiro, e exclamou :

— Em outras occasiões haveis depositado em mim vossos pesares. E já vos consta que meu maior galardão foi sempre, calmar vossos soffrimentos.

— Sim ; porém quando a ferida existe no mais profundo do coração, que remédio quereis dar-lhe ?

Os formosos olhos da joven encheram-se de lagrimas.

— E' certo, Carlos ; comprehendo a inextricavel logica de vossas palavras ; eu padecço tanto como vós.

— Ah ! exclamou o joven em tom arrebatador ; eu não quero que a mais pequena nuvem imprima seu sulco em vossa fronte... Amo-vos tanto !

Esta suprema expressão de sua alma perdeu-se como um echo desesperado na immensidade de sua dor.

— Me amais ! repetiu Gabriela, tremula com o effeito que lhe produziam estas palavras. Essa é a voz da esperança e a estrella de nossa felicidade. Eu não sei outra cousa senão corresponder aos vossos sentimentos. Falleae.

— Ainda que tudo o sabeis, não quero ferir vosso coração com negros detalhes. Com tudo, que queres de mim ? Tens tal imperio

em minha alma, que nunca poderei negar-vos o que exigis.

— Oh, meu Deus!

— Ah! que se fizeram de nossas esperanças?

— Porque? Me aterras, Carlos...

— Eis aqui porque quisera emmudecer. Não me consideras digna de vossa confiança?

— Sim, Gabriela. Sois minha vida, minha luz e meu consolo. Em vós existe meu passado, meu presente e meu futuro; por vós bate meu coração; por vós suspira minha alma; mas apesar da fé que vos professo, fé impercedoura que vive com minha existência, e que exalta com meu alento, hoje que é o dia da fatalidade, temo por vós, por mim, por nosso amor.

— Que dizes? Essas palavras fazem-me estremecer. Carlos, me olhaes de um modo tão sombrio que não sei o que pensar.

— E que estou quasi delirante.

— Compreendo. A perda que haveis soffrido...

— Ainda não é esse golpe terrível o mais violento dos que tenho soffrido.

— Não! Fallae, exclamou Gabriela. Fazer-me padecer assim é uma crueldade.

— Pois bem, eu o direi..... Temo perder-vos.

— Perder-me! Não, nosso futuro está decretado.

O cavalheiro, pallido como o marmol despregou um amargo sorriso ao ouvir estas palavras: avizinhou-se á Gabriela e tomando-a de uma mão, conduziu-a á grande janella do salão.

— O futuro! repetiu com amargura. Ah! é tão negro como esse horizonte que descubrimos. Vede vosso destino escripto no céu e na terra. Em cima serpenteia o raio e sente-se bramar essa grande voz que se chama trovão. Em baixo ardem nossos campos e o canhão arrasta pela immensidade o estrondo da morte e o clamor da vingança. Sim: o clamor da vingança, porque esta é justa, sendo em nome da patria e da humanidade. Olhai: em essas torrentes de fogo que a guerra acaba de encender; em esses campanários que se agitam surdamente convocando aos filhos de Asturias dispersos por uma negra traição; no echo dessas businas que se repetem de montanha em montanha, comprehendereis o grande de minha desesperação e o espantoso de nosso futuro.

Gabriela, assustada, retrocedeu dando um apagado grito.

— Oh Carlos! tirae-me d'aqui. Tudo o que vejo é horrível. Rivadesela está ardendo!

— Sim, a incendiaram os francezes.

— E vossa casa?

— É um monte de cinzas; é a triste sepultura de meu pai.

— Gabriela cahiu em uma cadeira e cubrio o rosto com as mãos.

— Já vós, proseguiu o cavalheiro, apresentei-vos um quadro, que em parte vos haverá revelado o que se passa em minha alma.

— Desgracada!

— Oh! tudo acabo de perder, excepto vosso amor. Porém, o que digo? também vou perdê-lo.

A voz do joven era tão melancolica, que Gabriela o olhou com olhos de espanto.

— Que dizes? exclamou.

— A verdade. Se destruíram nossas esperanças. As desgraças que repentinamente hão cahido sobre nós, fazem impossivel nossa proxima união.

Gabriela ouvia com sombrio estupor estas palavras. Depois disse:

Impossivel!

— O destino o quer.

— Explicae-vos:

— O funesto contratempo que acabo de soffrer, impoz sobre mim uma obrigação sagrada.

— Qual?

— Vingar á meu pai.

— Vós!

— Sim: para isso vou ser soldado... Vou vingar-me nesses aborrecidos estrangeiros.

Um segundo grito, escapou-se do coração da joven: grito de amor e de angustia.

— Vós soldado, Carlos! vós afastar-vos de meu lado!

— Sim, repetio o joven, vivamente commovido; porém nunca vos abandonará meu coração. Marcharei longe de vós, porém vossa recordação irá impressa em minha alma como um talismão poderoso. Ella será o consolo do orphão, e vosso amor o escudo que proteja ao soldado.

— Cruel! responde Gabriela, vertendo uma torrente de lagrimas.

— Eu creio que não me julgareis indignamente. Necessito brigar, para poder calmar o justo furor que me domina. Morreria de desesperação, se não vingasse á meu pai.

— Bem, respondeu Gabriela em tom de reconvenção; já que preferes a vingança á vossa felicidade, partid.

— O amor vos faz injusta... Adôr que opprime minha alma, me atormenta menos que vossas palavras. Oh! já sabeis que vos adorei e adoro com toda a energia de minha alma. Meu pensamento, meu coração tudo foi e será vosso. Haveis embalsamado minha vida, como a flor aos campos e a primavera á natureza; porém minha determinação é irrevogavel... é um dever sagrado.

— Porém, fugir de mim, meu Deus!

— Não... não fugirei de vós, Gabriela. Deixo-vos minhas recordações e esperanças, que são tambem as vossas: deixo-vos minha vontade, e vos faço, em nome do mais grande que exista para vós, arbitra de minha resolução.

A joven emmudeceu ao ouvir esta eloquentes expressões. Ella acabava de comprehender a grandeza do sacrificio que se havia tido generosamente imposto o joven, e elevando seu doce olhar para fixal-o nos olhos de seu amante, respondeu com voz solemne:

— Carlos, vosso coração é nobre e conheço que vosso dever é marchar. Sim... soldado... brigae por vossa patria, por vossos irmãos, por vosso pae!

As recordações e as esperanças, sãoas consolações do coração. Deos será o arbitro de meu futuro. Quando pensaes affastar-vos de meu lado?

— Logo que estejas em lugar seguro.

Então jurei-me, Carlos, que vosso amor será inestinguivel.

Jurovol-o. Assegurai-me que vosso coração é inteiramente meu.

— E podeis duvidar?